

entrevistas



Por uma história dos sistemas midiáticos

Para este número, especialmente voltado para a questão da história da comunicação, a revista *ECO-Pós* entrevistou Marialva Barbosa, uma das principais pesquisadoras da área no Brasil. Professora titular do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Marialva Barbosa se dedica, há mais de vinte anos, à pesquisa e ao ensino da história da comunicação no país. Já publicou inúmeros trabalhos sobre o tema, entre eles o livro *Os donos do Rio: imprensa, poder e público* (Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000).

Nesta conversa, Marialva faz um balanço da produção em história da imprensa, avalia a importância dos estudos históricos para o campo da comunicação e explica por que prefere falar em “história dos sistemas midiáticos”.

Ana Paula Goulart Ribeiro

Quando e como você começou a trabalhar com os estudos de história da comunicação?

Bom, faz muitos anos. Comecei a me interessar pelo tema logo que eu ingressei no mestrado em História, na década de 1980. Eu observava que os estudos de comunicação que se interessavam por uma visão histórica eram sempre dependentes de uma idéia de história linear, de fatos, de novos acontecimentos. Era uma visão ultrapassada de história, que não complexificava as questões da história da comunicação. Eu não achava que a comunicação devesse ser dependente da história, mas pensava que era preciso construir uma história da comunicação, uma história da imprensa com as questões da comunicação e da imprensa. Então, naquela época, eu já tinha intenção de fazer uma história da imprensa do Rio de Janeiro. Mas, como na dissertação de mestrado eu tinha prazo, resolvi estudar, naquele momento, o movimento nas oficinas gráficas. Posteriormente, quando eu fiz o doutorado em História, eu estudei a imprensa do Rio de Janeiro.

Na sua opinião, qual é a importância dos estudos históricos para o campo da comunicação?

Eu acho extremamente importante, porque o campo da comunicação prima por uma certa ojeriza ou um certo medo da história, eu diria assim. Normalmente, os estudos de comunicação são dependentes de uma base profundamente sociológica, até por causa da conformação do campo. A sociologia é o viés predominante em termos conceituais dos estudos da comunicação. Então, o que acontece é uma “dês-historicização” dos temas da comunicação. É como se as questões valessem para qualquer tempo, qualquer espaço, qualquer lugar. Há uma descontextualização das questões. Então, eu acho fundamental trabalhar a comunicação na sua interseção com a visão histórica. Só assim é possível recolocar os temas da comunicação dentro da historicidade dos espaços em que ocorrem. Acho que esse é o grande “pecado”, vamos dizer assim, dos estudos de comunicação: não historicizar os seus processos. Eu acho que essa “des-historicização” dos processos de comunicação contribui para um não-aprofundamento maior que o campo poderia ter em termos teóricos. Eu acho que o avanço teórico dos estudos de comunicação não é maior em virtude de uma espécie de amalgamento que eles fazem da própria sociedade, como se tudo valesse para todas as épocas e todos os lugares. Então, esse fato, ao meu ver, contribui para o próprio crescimento da área de comunicação ser mais lento do que ele deveria ser em termos conceituais e teóricos.

Como você avalia a produção da história da comunicação no Brasil?

Existem estudos de historiadores que focam questões da imprensa, da televisão, do rádio, da comunicação de uma maneira geral. Esses estudos oriundos da história são tributários – e não poderia ser de outra forma – de uma visão de que a comunicação é mera fonte para esses estudos, ou é alguma coisa adjunta, acessória na questão que se coloca nesses estudos. Então, há esse grupo de pesquisas oriundo dos programas de pós-graduação em História. Nos últimos tempos, a produção do pessoal da história tem tentado complexificar um pouco isso, trabalhando também com questões pertinentes à comunicação. A gente observa essa tendência. Na comunicação, por outro lado, quando se fala em estudos de história, as pessoas têm a idéia de que você está falando de algo do século XIX. Há, eu diria, quase que um completo desconhecimento da complexidade do processo histórico dos

estudos de comunicação. Eu não diria que são todos, mas a grande maioria dos estudos oriundos da comunicação é dependente da visão de que falar em história dos meios de comunicação é falar de acontecimentos que marcam rupturas. Não há uma visão processual de história. Então, outro aspecto que mostra como essa visão histórica pode ser importante para os estudos de comunicação é o fato de a história trabalhar com o porquê das coisas e não com a mera constatação, que também é o que domina, de certa forma, em muitos dos estudos históricos oriundos do campo da comunicação. É uma história muito dependente de uma visão linear e orientada, uma visão histórica completamente ultrapassada há décadas. Eu acho que ainda é esse o domínio dos estudos históricos de comunicação. Não há uma compreensão do que se está falando quando o assunto é história dos meios de comunicação ou meios de comunicação na sua conformação histórica.

Você acha, então, que a comunicação tem muito a aprender com a história?

Eu acho que o melhor ensinamento é exatamente o movimento que a história fez, ao longo do século XX, de aproximação com outras disciplinas para a própria conformação do campo histórico. Quer dizer, o movimento dos estudos históricos no decorrer do século XX, a partir dos anos 1920, foi exatamente essa aproximação com outras áreas, outros saberes, para se produzir algo de maneira integrada. Às vezes, isto se fez com áreas cuja proximidade era mais evidente, como a geografia, mas também se fez com outras que não eram nada evidentes, como a teoria e a crítica literárias. Ou seja, o ensinamento que a história pode dar a nossa área é exatamente esse: como pode ser enriquecedora a aproximação, o entrelaçamento entre variadas matrizes, vamos dizer assim, de estudos científicos. É muito importante essa visão. É claro que isso é, sobretudo, uma opção de natureza política. Com certeza é muito importante para as áreas determinar qual é o seu lugar de conhecimento, porque esse lugar de conhecimento é o lugar de produção de poder e de saber. Isso é evidente. Então, é uma luta por representação, uma luta por validade na esfera do conhecimento. Mas eu acho que a comunicação está para o século XXI como a história esteve no século XX em termos desse saber que amalgama as variadas áreas, esse lugar em que as questões emergem como as mais importantes do cenário contemporâneo. Então, se a comunicação tiver essa possibilidade de fazer, tal como a história, não só uma aproximação pura e

simples, burocrática, mas também uma espécie de amalgamento de saber, será extremamente importante. Uma outra coisa que eu acho que o campo da história pode legar aos estudos de comunicação é – como eu já disse – a visão dos porquês, com o aprofundamento das questões, indo além da mera constatação. E a história trabalha também com a idéia de subjetividade. Quer dizer, aquilo que você descobre, aquilo que você constata num determinado momento, é apenas uma determinada interpretação naquele dado momento. Não há a pretensão de se constituir um saber definitivo. Então, eu acho que essas múltiplas questões podem ser importantes para o campo da comunicação.

Em alguns dos seus textos, você propôs a substituição do termo “história da comunicação” ou “história da imprensa” por “história dos sistemas midiáticos”. Você poderia explicar o porquê disso?

Exatamente porque, quando se fala em sistemas midiáticos, se está pensando a comunicação como um processo. E pensar a comunicação como um processo significa pensá-la como um sistema, que vai da produção da mensagem à sua apropriação pelo público. Isto é o que Robert Darnton chama de sistema da comunicação. Então, quando se trabalha com o “quê”, o “quem”, o “como”, o “onde”, o “porquê” e de que forma o leitor se apropria daquela mensagem e como a reconfigura, produzindo uma outra interpretação, se está trabalhando com o circuito da comunicação e com a comunicação como um sistema. Nesse caso, você não está trabalhando com a história do rádio, da televisão, do jornal impresso. Eu costumo dizer que há múltiplas histórias no campo da comunicação para pouca história. Ou seja, existem variadas histórias que, a rigor, são uma única, que é a história da comunicação como um sistema, não importa qual seja o objeto. Nós definimos muito que tipo de história estamos fazendo pelo tipo de objeto que está sob o olhar da análise. Então, ou é a história do jornal, ou é a história do rádio, ou é a história da televisão, quando, na verdade, existe uma única história, que é a história desses meios entendidos como sistema. É por isso que eu propus esse tipo de abordagem.

Como você vê, hoje, o espaço institucional que a pesquisa de caráter histórico ocupa dentro do campo da comunicação?

Eu acho que está crescendo muito nos últimos anos. Acho que ainda tem muito espaço para crescer, tem muita coisa ainda por ser feita. Mas eu acho que já está havendo, eu diria nos últimos dez anos, uma preo-

cupação multifacetada sobre esse tema na área de comunicação. Na história, com esses limites que eu já apontei, de certa forma, houve maior interesse pelos meios de comunicação como um lugar de análise histórica. Na comunicação, está havendo um movimento. Eu percebo isso pela própria quantidade de trabalhos que chega nos congressos, na Intercom [Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação], na Compós [Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação], na Rede Alfredo de Carvalho, que está sendo constituída para mapear o cenário desses trabalhos nos duzentos anos de história da imprensa no Brasil, que vai se completar em 2008. Então, eu acho que está crescendo o interesse por esses estudos de natureza histórica. Mas acho que ainda há um longo caminho a ser feito, sobretudo a partir da idéia da pergunta: “de que história nós estamos falando?”. Acho que essa é a questão: o que se entende por história da comunicação, por história dos sistemas de comunicação? Não é um simples alinhamento de fatos, nomes. Não é isso. É um entendimento desse sistema de comunicação como um processo complexo, que tem uma historicidade que se desenvolve num determinado espaço social, a partir da ação de sujeitos sociais concretos. Ou seja, é um sistema que se configura numa dada historicidade, num dado momento, num dado lugar. Essa compreensão ainda não é tão espalhada. Mas os estudos históricos, em geral, têm crescido nos últimos anos.

Quais são os fóruns de discussão que você destacaria como os mais importantes para os pesquisadores de história da comunicação?

Eu acho que, além desses congressos da área – a Intercom, a Compós e, agora, esse específico de história dos meios de comunicação, o congresso da Rede Alfredo de Carvalho –, os próprios congressos internacionais da área são fóruns importantes de discussão. Na Alaic [Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação], há um grupo de história da comunicação, coordenado pelo Juan Gargurevich, do Peru, historiador de história da comunicação da América Latina. A Lusocom [Federação Lusófona de Ciências da Comunicação] também tem um grupo de história da comunicação. Quer dizer, há os congressos, vamos dizer assim, de língua espanhola e portuguesa, de maior aproximação com a gente, que são fóruns importantes de discussão. Agora, eu acho que também deveria haver mais grupos de pesquisa, redes de pesquisa que pudessem trabalhar de uma maneira integrada esses temas. Eu acho que isso ainda existe pouco.

A gente falou até agora da pesquisa, mas como você vê o ensino de história da comunicação do Brasil?

Eu vou falar do que eu conheço, porque eu não conheço como se desenvolve o ensino, de uma maneira geral, no Brasil como um todo. Eu acho que os currículos antigos – aqueles que vigoram desde a década de 1980 e que só recentemente vêm sendo modificados – se caracterizam pela multiplicidade de histórias que eu falei, por uma história que se define pelo objeto e não pelo problema conceitual. Então, em vez de pensar a história dos sistemas de comunicação, pensa-se a história a partir do objeto comunicacional: a história do rádio, a história da televisão, a história da propaganda, a história do livro. São múltiplas histórias. Com a mudança dos currículos, a tendência que está havendo, em termos genéricos, nos cursos de Comunicação é, vamos dizer assim, um interesse maior pela prática profissional do que pela reflexão crítica. Eu acho isso muito ruim do ponto de vista da universidade. A universidade deve ser um lugar de reflexão e não de uma reprodução capenga do mercado. Com isso, se alijam cada vez mais as matérias de natureza reflexiva do ensino da comunicação. E a história da comunicação, em muitas unidades, é colocada nesse rolo compressor, saindo de muitos currículos, o que eu acho uma pena. É uma pena e é danoso, porque sem uma reflexão sobre o processo da comunicação na longa duração, não se tem uma visão crítica aprofundada do que ocorre no presente. Não se consegue entender os processos do presente se não se tem uma noção de como isso se deu num passado próximo ou remoto. Então, eu acho que se, de um lado, a pesquisa está avançando, o mesmo não ocorre em relação à inclusão dessa disciplina nos currículos dos estudos de comunicação. A UFF – onde eu dou aula no novo curso de graduação, Estudos Culturais e Mídia – vai um pouco na contra-mão desse processo, porque lá tem uma linha de pesquisa que se chama “Mídia, Cultura e História”. Há uma série de disciplinas, mais de dez, com esse cunho histórico. Mas está um pouco, como eu disse, na contra-mão dessa tendência que eu observo, hoje, no ensino.

Você está desenvolvendo algum projeto atualmente em história da comunicação?

Estou muito contente porque acabei um livro sobre 100 anos de história da imprensa no Rio de Janeiro a partir da idéia de vestígios. Existem variadas maneiras de se pensar a história, e uma possibilidade é pensá-la como uma construção na qual, como eu já falei, está incluída a subjetividade do pesquisador. Essa construção, essa interpretação, chega até o presente

por meio de signos ou indícios significativos desse passado no presente. Esses indícios significativos eu chamei de vestígios. A partir desses vestígios – que podem ser filmes, crônicas de escritores famosos ou não, cartas de jornalistas, milhões de materiais impressos, de “documentos” –, eu tentei remontar cem anos de história da imprensa do Rio de Janeiro. Esse é o projeto que eu acabei de concluir e que será, em breve, publicado.